

O SAGRADO E O URBANO: SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Marina Silveira Lopes

Mestre em Ciências da Religião – PUC-SP

marinaslopes@uol.com.br

A obra “O Sagrado e o Urbano: sociologia da religião” é o quinto volume da Coleção Estudos da ABHR, o qual procura mostrar aos leitores o “resultado” dos encontros acadêmicos organizados pela Associação Brasileira de História das Religiões, nos últimos anos. Composto por nove artigos de pesquisadores multidisciplinares, o livro envolve análises da filosofia, sociologia, educação, antropologia e administração de empresas, todas voltadas para as manifestações religiosas nos espaços urbanos.

Esse trabalho procura situar a diversidade religiosa brasileira, mostrando fenômenos que surgiram diante de uma crescente e desordenada urbanização e da laicização, situações vivenciadas na pós-modernidade. De forma resumida, as análises são feitas em cima de temas como os Novos Movimentos Religiosos (NMRs), a presença da mídia para o fortalecimento dos grupos neopentecostais, o simbolismo e o poder, a educação católica e as religiões afro-brasileiras.

Com 150 páginas, o livro distribui seus textos de maneira intercalada, o que permite uma boa fluidez e diversidade na leitura. Após a apresentação que discorre sobre as manifestações religiosas atuais, sob a ótica da sociologia da religião, o primeiro artigo, intitulado *Novidades religiosas: entre o relativismo e fundamentalismos*, expõe a grande quantidade de NMRs que surgiram nos últimos anos no Brasil, possibilitada pelo pluralismo religioso brasileiro e a laicização pós-moderna, sob a ótica do antropólogo da religião Silas Guerriero. Por um lado mostra uma sociedade mais secularizada, mas que, ao mesmo tempo, torna-se com contrapartida, mais “reencantada”, por conta das múltiplas maneiras de se vivenciar o catolicismo, a “posse” dos ritos mágicos das religiões afro-brasileiras pelos neopentecostais, o sincretismo entre orientais e Nova Era e a proliferação de consultas aos oráculos mágicos. Guerriero discorre sobre as várias religiosidades, destacando o fato de muitas delas beirarem um total relativismo e outras se apegarem a “uma verdade fundamental”.

Mauro Passos, no *Entre o sagrado e o profano: Caminhos da educação católica na primeira república*, mostra que “o cristianismo implica um processo de educação”, indicando que isso “está associado à sua missão evangelizadora”. Seu texto vai

delineando as diretrizes pedagógicas desenhadas pela “Santa Sé” para todo o seu território de domínio, mostrando como a educação foi se distanciando da Igreja. Até certo momento da República, Estado e Igreja se afinavam “A Igreja enfatizava o aspecto religioso, tendo como critério os princípios doutrinários, enquanto o Estado encontrava no analfabetismo a causa da crise social pela qual passava o país”. Com a instauração do Estado Novo, Igreja e Estado vão tomando novas direções.

Liturgias Políticas e Simbolismo do Poder, de Marcelo Ayres Camurça, traz a ponte entre os ritos religiosos e o poder político. Demonstra como as manifestações políticas estão embebidas de rituais. “Essa estrutura ritual de poder se manifesta em formas variadas no tempo e no espaço (...)”.

Também abordando a força e o poder dos rituais, Sergio Ferreti, em *Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano* traça, num primeiro instante, o surgimento das religiões afro-brasileiras, focando posteriormente o sincretismo existente entre elas nos grandes centros urbanos. Traz também o embate da “guerra santa” entre os pentecostais e os praticantes de cultos afro-brasileiros. “Vemos que especificidades das religiões afro-brasileiras e do pentecostalismo fizeram com que, na oferta de bens simbólicos, este último esteja mais bem adaptado a temas atuais (...)”.

O universo pentecostal e neopentecostal é abordado em *O papel do rádio e da televisão na expansão dos evangélicos no Brasil: contribuições para uma história da comunicação religiosa brasileira*, que mostra, através de uma dissertação articulada e de fácil compreensão, como essas igrejas evangélicas foram infiltrando-se na mídia radialista e televisiva. A mídia tornou-se um fator importantíssimo para o pentecostalismo, entre os brasileiros, aliado ao decréscimo do catolicismo. Leonildo Silveira Campos alerta que é inútil “estudar a visibilidade protestante na mídia (...)” sem levar em conta o fértil campo religioso brasileiro, com seu pluralismo, sincretismo e aceitação por parte da população. Enfatiza também que a corrida midiática é disputada por todos os quais se intitulam de evangélicos, inclusive os chamados “evangélicos históricos”.

Outro artigo que trata do papel da mídia em relação às instituições evangélicas é *Mídia evangélica e história cultural: perspectivas de análise*, de Kariana Kosicki Bellotti, que coloca a mídia como veículo da transmissão de linguagem, identidade e representação das igrejas evangélicas.

Leila Marrach Basto de Albuquerque em *Novos movimentos religiosos: modos de ser* nos conduz a uma viagem histórica discorrendo sobre os contextos sociológicos,

nos quais germinaram esse “modo de ser” daqueles que estão inseridos nas terapias não convencionais, movimentos alternativos e Nova Era. A contracultura e outras maneiras de agir e sentir da juventude dos anos 1960 e 1970 desencadearam variadas manifestações religiosas, que têm como unidade de características o fator de renegar a instituição religiosa, importando do oriente novas maneiras de vivenciar o cotidiano, a fé entre outras atitudes e crenças características da pós-modernidade. Leila, porém, não explorou nenhum Novo Movimento Religioso específico, preocupando-se em dar uma painel geral sobre as atitudes comuns entre esses grupos.

Finalmente, o último artigo: *Para salvar Minas Gerais: a luta dos católicos pela escola na década de 1930*, traz, pelas mãos de Ana Maria Casasanta Peixoto, fatos históricos do período que distanciavam a educação da camada conservadora da população e principalmente da Igreja. “(...) a posição do Estado em face à educação, sua política e do papel da educação ocupa no programa de governo”.

CONCLUINDO

De modo geral, eis um trabalho interessante, que ilustra a dinâmica urbana no campo religioso, trazendo ricas abordagens históricas. O tema trabalhado no livro traz uma discussão que nunca cessa nos centros acadêmicos sobre religião: o sagrado. Trazendo a roupagem urbana de manifestação do sagrado, o livro nos convida a refletir sobre as pluralidades de percepções e vivências do universo das crenças, entretanto deixa um vazio em torno do conceito. Afinal, devemos considerar o sagrado como algo qualitativamente diferenciado, como propõe Eliade (1992)? Ou o conceito de sagrado abordado na obra poderia referir-se a algo menos rigidamente estabelecido em relação ao profano?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAPTISTA, P. A. N.; PASSOS, M; SILVA, W. T. da. *O sagrado e o urbano: diversidades, manifestações e análise*. São Paulo: Paulinas; ABHR, 2008.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.